

Direitos humanos ainda são violados, diz estudo

Relatório realizado por ONG aponta falta de vontade política na investigação de casos de violência urbana, invasão de terras indígenas e escravidão

RENATA GONÇALVES
Jornal da Tarde

Tortura nas Forças Armadas, desaparecidos políticos, trabalho escravo e violência contra trabalhadores rurais, estudantes e índios. O relatório Direitos Humanos no Brasil em 2001, elaborado pela ONG Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, aponta que a impunidade persiste e que, muitas vezes, o governo é conivente com o crime.

Uma das histórias contidas no relatório conta como o cadete Márcio Lapoente da Silveira, de 18, foi torturado até a morte na Academia Militar das Agulhas Negras. Durante um treinamento, Márcio sentiu-se mal e pediu para descansar. Aos gritos, o tenente Antônio Carlos De Pessoa mandou que ele continuasse.

O cadete não resistiu e desmaiou. Depois de ser xingado pelo tenente, o garoto recebeu chutes no corpo e na cabeça. Uma coronha de fuzil ainda esmagou quatro dedos da sua mão esquerda. Os médicos da academia fizeram vistas grossas e Márcio morreu na Via Dutra, a caminho do Hospital Central do Exército. O corporativismo permitiu que os culpados ficassem impunes.

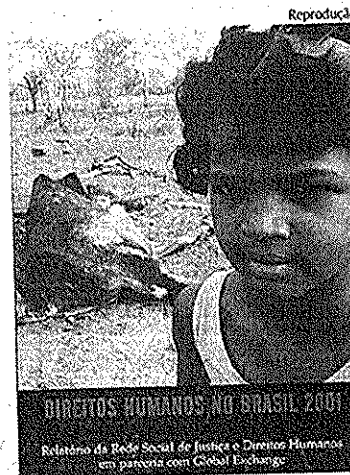
Situação semelhante é verificada nas terras indígenas. Segundo o relatório, policiais se unem a posseiros, invadem aldeias e exterminam tribos.

"Não existe vontade política em resolver a questão, demarcando a terra e removendo posseiros", diz Egon Dioniso, secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Segundo o órgão, das 756 terras indígenas no país, 442 continuam sem demarcação. A briga pela terra provocou a morte de 10 índios em 2001. Em três casos, a autoria é atribuída a policiais militares.

No Norte, assassinato e trabalho escravo

O Ministério do Trabalho avalia que existem três trabalhadores sob



Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos: muitas vezes, o governo é conivente com o crime

regime escravo para cada resgatado. Até maio, 435 pessoas já haviam sido libertadas.

O número é três vezes maior do que o registrado no ano passado. "A filosofia do poder público tem que mudar para que a situação dos direitos humanos melhore no Brasil", ressalta frei Beto, um dos organizadores do estudo.

No sul do Pará, o problema se agrava e os assassinatos se somam à escravidão. Até setembro deste ano, a Comissão Pastoral da Terra localizou 953 trabalhadores em regime escravo. Oito foram assassinados.

Casos conhecidos, como o

massacre de Eldorado dos Carajás, em que 19 sem-terras foram mortos, e o assassinato da líder sindical Margarida Alves, continuam impunes.

Desrespeito também nos centros urbanos

O desrespeito aos direitos humanos não se restringe às áreas rurais, afastadas dos grandes centros. Em 99, três jovens de São Bernardo foram revistados, perseguidos e baleados por policiais militares. Apenas Anderson de Araújo Silva, de 16 anos, sobreviveu. Apesar de reconhecer os policiais envolvidos, o júri os considerou inocentes.

Neste ano, durante uma manifestação contra a criação da Área de Livre Comércio (Alca), na Avenida Paulista, 69 pessoas foram presas e 100 ficaram feridas.

"Fui à Paulista com a intenção de fotografar o evento. Quando começaram as agressões da polícia, vi que um soldado espancava uma menina. Outro soldado me viu e me deu uma cacetada no olho. Quase fiquei cega", conta a historiadora Ângela Meirelles de Oliveira, de 24 anos.

O relatório Direitos Humanos no Brasil em 2001 será encaminhado para todos os órgãos do governo e para entidades como as Organizações das Nações Unidas (ONU) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Os interessados podem adquirir o levantamento, em forma de livro.

6/12/2001
274
JT (Política)